

Laboratórios Didáticos da Faculdade de Educação da USP (LabEduc)
Laboratório de Ciências Humanas e Meios de Condução de Trabalhos Práticos e
Similares (LabCH)
Cinema e o Ensino de História

Coordenação: Profa. Dra. Dislane Zerbinatti Moraes

Autoria: Jaqueline Oliveira dos Santos

O ano em que meus pais saíram de férias, 2006, Cao Hamburger



Mauro jogando na sua posição favorita, goleiro, no futebol de rua entre meninos filhos de imigrantes no bairro de Bom Retiro, São Paulo.

Fonte: <<http://arquivo.cinemaemcena.com.br/plus/modulos/filme/ver.php?cdfilme=5673>> Acesso em 06/06/2016

O goleiro é alguém solitário, aquele que se mantém simultaneamente à margem das interações da equipe, isolado sob as traves, e também atento ao jogo, observando-o e prevendo os possíveis momentos de tensão, a necessidade da defesa. Mesmo na comemoração de um gol de sua equipe, momento de alegria e explosão, muitas vezes vivencia esses sentimentos consigo. A reflexão sobre a solidão dessa posição do time de futebol é em vários sentidos uma metáfora para aqueles que viveram ou vivem a condição de exílio, de experimentar um lugar inicialmente desconhecido, redes de sociabilidade por se (re)construir:

o exilado é alguém solitário, observador da situação. Mauro, o garoto de 11 anos personagem principal do filme, é esse ser observador, deslocado. Em algum momento do filme, fascinado como é pelo futebol, e depois de ver a atuação de um ótimo goleiro de futebol de várzea, decide que quer ser "negro e voador" como aquele arqueiro. A metáfora explicita-se, ganha materialidade e leveza por meio da fala direta e sensível do menino.

O ano em que meus pais saíram de férias é dirigido por Cao Hamburger, que também assina em parceria com outros profissionais o roteiro, criador do programa infantil *Castelo Ra Tim Bum* exibido na TV Cultura originalmente na década de 1990. O filme conta a história de Mauro (Michel Joelsas) durante alguns meses do ano de 1970 quando seus pais o deixaram na casa do avô em São Paulo pois iriam "sair de férias". Acontece que após um fato inesperado no dia que Mauro chega de Belo Horizonte ao bairro do Bom Retiro, o menino precisará se hospedar no apartamento de Shlomo (Germano Haiuf), um senhor judeu, enquanto espera o retorno de seus pais. Outro fato que fica implícito na história é que os pais de Mauro, Daniel (Eduardo Moreira) e Bia (Simone Spoladore), não saíram de férias exatamente: essa expressão foi um modo de amenizar a dura realidade vivida por eles, um casal em fuga da repressão do regime instalado no Brasil após o golpe de 1964. Durante sua convivência com Shlomo, Mauro irá conhecer um pouco mais sobre o bairro e as crianças que lá vivem, o judaísmo e seus costumes, aguardará o início da Copa do Mundo realizada no México, 1970, e torcer pela vitória da seleção brasileira. Dias intensos.

Cao Hamburger também morou no bairro do Bom Retiro, filho de pai judeu e mãe católica: há referências no filme inspiradas em suas lembranças de infância. Ele contou na Introdução do livro dedicado ao seu filme, na coleção *Aplauso - Cinema Brasil*, que leu o livro *Minha Vida de Goleiro* quando estava na Inglaterra, se encantou pela história, e decidiu ali criar um filme inspirado no que leu e nas reflexões provocadas por sua condição de estrangeiro. Mais sobre as relações pessoais, e os demais corrotelistas de *O Ano em que meus pais saíram de férias*, além do roteiro na íntegra, pode ser lido no material da coleção.

aplauso.imprensaoficial.com.br/edicoes/12.0.813.445/12.0.813.445.pdf

Acesso em 06/06/2016.

O tempo e o espaço históricos a partir do olhar de uma criança: o que podemos ensinar e aprender da história do Brasil?

O cenário político do país é o pano de fundo que costura a história do menino, suas vivências, mas sem aparecer com maior destaque: é sempre a partir do olhar de Mauro mirando a rua pela janela ou brincando com seus amigos, por exemplo, que acompanhamos a narrativa e podemos vislumbrar, por vezes, as marcas do contexto mais amplo. Cenas como aquelas que podemos ver viaturas policiais, reuniões de organizações estudantis de resistência ao regime político e a repressão, pichações nos muros com palavras como "Abaixo a ditadura" e "Liberdade" - enquanto os personagens caminhavam nas ruas. Há também a expressão de dor e medo no semblante dos pais de Mauro ou a preocupação de Shlomo ao tentar estabelecer contatos com Ítalo (Caio Blat), estudante universitário e amigo de Daniel, na busca por informações sobre eles. Outro vestígio significativo se dá mais ao final do filme, quando Mauro caminha sozinho nas ruas vazias do bairro após a vitória da seleção brasileira no jogo final da Copa: onde estariam todos? Essa e outras questões são sugestões a se discutir com os alunos como pistas que podem nos revelar mais sobre o cotidiano vivido por aquelas pessoas e as implicações de uma configuração política baseada na violência e repressão de posicionamentos contrários ao tido então como oficial.

O tempo da narrativa do filme, a maneira como nos aproximamos de seu enredo, como comentamos anteriormente, é a partir do olhar e preferências de Mauro. Portanto, cabe destacar que o tempo e sua percepção são historicamente elaborados. Com isso, queremos apontar que os modos como compreendemos e vivemos nosso tempo, e mesmo o entendemos nessa chave como algo "nosso", se dá de maneiras diferentes ao longo da história, varia de acordo com a cultura e as disputas envolvidas. Emmanuel Le Roy Ladurie (1973) ao realizar uma pesquisa sobre uma aldeia francesa e sua história na virada dos séculos XIII e XIV, nos permite refletir sobre a construção do tempo e suas variações: investigando as maneiras pelas quais as pessoas organizam sua vida, remetem ou não a símbolos e marcadores de tempo (como dia, ano ou hora), entre outros elementos, nos auxilia a compreender como se compreende o tempo. Por outro lado, é importante ressaltar que essa compreensão se relaciona com a singularidade de cada um e igualmente com as relações que essa pessoa, ou grupo, estabelece com seu contexto mais amplo. Assim, um adulto brasileiro que ocupa um

alto cargo numa empresa multinacional no ano 2016 vivencia e entende o tempo e sua passagem de modo distinto daquela jovem francesa que vivia no campo no ano de 1637 e auxiliava os seus pais no trabalho doméstico.

O tempo vivido pela criança também apresenta suas peculiaridades que se relacionam com sua posição social, sua idade, os agrupamentos com os quais convive, entre outros aspectos, e elabora um modo singular de entender o mundo: em *O ano em que meus pais saíram de férias* há uma tentativa de apresentar os acontecimentos por meio do ponto de vista de Mauro. Os marcos temporais utilizados durante o filme indicam a relação de importância que era dada pelo menino a certos eventos: a passagem do tempo de espera por seus pais é demarcada pelo período da Copa - evento significativo para Mauro, amante de futebol, e indicado por seu pai Daniel como o momento que as férias terminariam. Numa cena significativa, no momento em que o primeiro jogo da seleção brasileira inicia, Shlomo que estava sentado ao lado de Mauro se levanta e reativa o relógio de parede: o tempo voltou a correr naquele momento.

Brincadeiras e o que nos contam

As brincadeiras com os novos amigos, destaque para Hanna (Daniela Piepszyk), os estranhamentos com a culinária judia ou a desconfiança que algo errado estava acontecendo e seus pais não saíram para viajar e se divertir somente: conhecemos a narrativa pelos olhos de Mauro e o que julga importante, mas temos condições de perguntar-nos mais sobre o visto e constituir, junto com as crianças, conhecimentos mais elaborados a partir das sugestões da obra. Outro ponto instigante a se pensar sobre diz respeito ao lugar da melancolia na infância: a tristeza de Mauro, sua angústia por vezes silenciosa, por vezes mais ruidosa, pode ser um ponto de partida para conversas com as crianças sobre seus sentimentos e impressões acerca do filme e sua história.

Esse passado recente do Brasil é construído pelas referências a acontecimentos de então, como a Copa do Mundo e a comoção que provocou, e também pela constituição dos cenários nos quais a história é contada. Assim, é possível elencar com as crianças e adolescentes alguns objetos comuns no nosso dia a dia, mas que ali pareciam diferentes: a vitrola para ouvir música e os discos de vinil, a bola de futebol feita de couro, carros de modelos antigos então valorizados (e ainda presentes na atualidade), os modelos das vestimentas, o televisor (e o hábito de dar tapas para ajustar a imagem distorcida), etc. É possível que além de elencar essas marcas do tempo com as crianças, por meio da observação desses objetos na história, que se proponha uma pesquisa sobre inserção no cotidiano das pessoas no país, suas características e desenvolvimento. Uma sugestão de atividade que pode ser um disparador para trabalhar as questões do tempo, as mudanças e permanências, é apresentar algum desses objetos para observação e conversa com as crianças.

Outra temática pertinente a se trabalhar, segundo o julgamento de interesse feito pelo docente e turma, se refere à composição étnico-cultural do bairro do Bom Retiro. A pluralidade de origens, sotaques, costumes é observável no filme e uma marca daquela região: vemos na obra em destaque uma grande comunidade judia e outra de origem italiana. As diferenças culturais são apresentadas por meio de exemplos como vestes, culinária ou sinais religiosos, mas acreditamos ser oportuno conversar com as crianças sobre o que puderam perceber, se conhecem pessoas oriundas de outros países ou regiões do país, os migrantes, e como acreditam que podemos nos relacionar com as diferenças de costumes e culturas que podemos identificar. São Paulo recebeu imigrantes desde o século XIX, principalmente nas cidades do interior, e a capital gradualmente viveu um processo de migração gradualmente mais forte a partir das primeiras décadas do século XX de pessoas vindas de outros países, como Japão ou mais recentemente Haiti, ou regiões do Brasil, como Nordeste. Esses movimentos migratórios, por sua vez, se relacionam com a expansão da cidade em termos urbanos e econômicos, instalação de empresas e oferta de trabalho, imóveis e loteamentos mais baratos nas periferias da cidade; e as contingências das regiões de origem dos migrantes, tais como guerras, períodos de seca, entre outros.

Identidade e diferenças

O contato com o outro, seja ele um estrangeiro ou estranho à nossa rotina, pode ser um momento de tensionamento inicial. Lidar com as diferenças de modo a compreender outra cultura é uma oportunidade a se apresentar para as crianças e isso pode ser discutido inicialmente a partir de algumas cenas do filme. Um exemplo é o desconhecimento de Mauro sobre a religião judaica e seus costumes, o que provocou um incidente doloroso para ele e Shlomo quando o menino usou uma veste cerimonial para brincar e jogar futebol; as caretas de Mauro quando provou pela primeira vez o cardápio do café da manhã, tão diferente do que era seu hábito comer, e como progressivamente se apropriou daquela refeição, culturalmente, e mesmo a ofereceu ao seu amigo Ítalo quando este enfrentou problemas e se hospedou na casa de Shlomo em busca de abrigo. O que podemos pensar a partir desses exemplos? O que as crianças pensam de provar sabores diferentes? O que acham da diversidade religiosa?

Para Saber Mais:

- *Trailer do filme disponível na web:*

<https://www.youtube.com/watch?v=eDihyQAOQ1s>

- *Para saber mais sobre a ficha técnica do filme e informações sobre direção, roteiro, elenco, galeria de imagens e curiosidades:*

Site em inglês: <http://www.imdb.com/title/tt0857355/>

Site em português: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-128289/>

- *Para ler algumas resenhas com mais informações sobre a história e opiniões de seus autores:*

<http://www.revistacinetica.com.br/anoemquecartaz.htm>

<http://www.contracampo.com.br/83/mostraoanoemquemepais.htm>

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2510200609.htm>

- *O livro de Emmanuel Le Roy Ladurie citado no texto, e mais especificamente o capítulo no qual se detém sobre a temática do tempo, tem as seguintes referências bibliográficas para busca:*

LADURIE, Emmanuel Le Roy. O tempo e o espaço. In: **Cátaros e católicos numa aldeia francesa - 1294 -1324**. Lisboa: Edições 70; São Paulo: Martins Fontes, 1975; p. 343 - 354.

- *Sugestões de textos acerca do debate sobre a participação de civis no golpe de 1964 para além dos militares:*

História Viva, entrevista com Professor Carlos Fico.

<http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/carlos_fico_parte_da_sociedade_queria_so_lucao_autoritaria.html>

História Viva, resenha do livro *1964, a conquista do Estado - ação política, poder e golpe de classe*, de René Armand Dreifuss, e sua pesquisa sobre diferentes grupos sociais que participaram da derrubada de João Goulart, especialmente o empresariado.

<http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/como_a_elite_articulou_1964.html>